

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - DEC

**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**UM OLHAR SOBRE A ESCOLA: a indisciplina no contexto
atual na instituição pública**

ANA PAULA DOS SANTOS

Orientador: Prof. Me: Ricardo de Carvalho Costa

JOÃO PESSOA - PB

2018

ANA PAULA DOS SANTOS

**UM OLHAR SOBRE A ESCOLA: a indisciplina no contexto
atual na instituição pública**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Licenciado (a) em Pedagogia à banca examinadora no Curso Pedagogia - Área de Aprofundamento em Educação do Campo do Centro de Educação (CE), Campus I da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Me: Ricardo de Carvalho Costa.

JOÃO PESSOA - PB

2018

S237o Santos, Ana Paula dos.

Um olhar sobre a escola: a indisciplina no contexto atual na instituição pública / Ana Paula dos Santos. – João Pessoa: UFPB, 2018.

36f.

Orientador: Ricardo de Carvalho Costa
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Indisciplina. 2. Escola pública. 3. Educação. I. Título.

UFPB/CE/BS
37.062(043.2)

CDU:

ANA PAULA DOS SANTOS

**UM OLHAR SOBRE A ESCOLA: a indisciplina no contexto
atual na instituição pública**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora do curso de pedagogia - Área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de LICENCIADO (A) EM PEDAGOGIA.

Assinatura do (a) autor (a): Ana Paula dos Santos.
Aprovado em: 08/10/2018

APROVADO POR:

Ricardo de Carvalho Gb

Orientador: Prof. Me. Ricardo de Carvalho Costa
Orientador – DEC/UFPB

Severina Andréa Dantas de Farias

Prof.^a Dra. Severina Andréa Dantas de Farias
Examinadora – DEC/CE/UFPB

Mariano Castro Neto

Prof. Dr. Mariano Castro Neto
Examinador – DEC/UFPB

Dedico este trabalho primeiramente a minha querida irmã Adriana Paula dos Santos (*in memoriam*), a minha família, ao meu orientador Ricardo de Carvalho Costa, aos meus amigos(as), colegas e professores, minha eterna gratidão por compartilhar comigo seus conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha família por todo o apoio que me deram durante essa árdua caminhada dos estudos.

Em especial à minha irmã Adriana, que foi um espelho em meu percurso acadêmico. Mesmo após a sua partida, todo seu esforço em vida na busca do seu sonhado diploma de enfermagem, continuou me motivando a concluir o meu curso, sem que o desânimo me fizesse desistir.

Ao meu orientador e professor Ricardo de Carvalho Costa, que no meio de tantos deveres e compromissos pôde me dar assistência e motivação para avançar na pesquisa.

Aos meus queridos amigos (as) que estiveram comigo durante todos esses anos contribuindo diretamente e indiretamente, no caminho da educação, colegas e professores, meu muito obrigado.

RESUMO

Como a indisciplina vem crescendo progressivamente, é perceptível seu reflexo no contexto atual da Educação Brasileira. Diante desse pressuposto, o presente trabalho teve como objetivo principal discutir os motivos que causam a indisciplina nas escolas, baseando-se em uma pesquisa bibliográfica. Este estudo fundamentou-se em autores como: Parrat-Dayan (2009), Tiba (2006), Vichessi (2013), Furtado (2015), Mendonça (2010) entre outros. Foram discutidas as causas indisciplinares mais influenciadoras, algumas indicações de possíveis ações conflituosas, que possam partir do professor, da família e até mesmo da própria criança, interferindo diretamente na atuação docente e consequentemente no desenvolvimento do alunado. Com base neste objeto de estudo, vislumbramos em nossa pesquisa a análise de possíveis atitudes a serem tomadas na escola com a intenção de viabilizar condutas em determinadas situações com a cooperação da equipe escolar e da família. A partir deste panorama, discutimos que a indisciplina nas salas de aula compromete todo o funcionamento escolar, impossibilitando o sucesso dos objetivos do ensino. Dessa maneira, a falta de regras/limites, bem como a sua formulação e estruturação familiar são pontos relevantes a serem discutidos em toda conjuntura educacional, pois, dependo das situações, ao invés de solucionar, podem agravar ainda mais as relações conflituosas existentes no convívio em sala de aula, tendo como resultado o fracasso do desenvolvimento do ensino.

Palavras chave: Indisciplina. Escola pública. Educação.

ABSTRACT

As bad behaviors have been steadily increasing, it is noticeable their reflexes in the current Brazilian Education context. Based on this assumption, this study had, as the main objective, to discuss the reasons that may cause indiscipline at schools, based on bibliographic research method. This research is based on authors such as: Parrat-Dayan (2009), Tiba (2006), Vichessi (2013), Furtado (2015), Mendonça (2010) among others. We discussed the most influential indisciplinary causes, some indications of possible conflicting actions that may start from the teacher, the family and even the child itself, directly interfering with the teaching performance and consequently the development of the students. Based on this object of study, we glimpse in our research, the analysis of possible attitudes to be taken in the school with the intention of conducting behaviors in certain situations with the cooperation of the school team and the family. From this panorama, we discuss that the indiscipline in classrooms compromises the whole school operation, making it impossible for the teaching objectives to succeed. In this way, the lack of rules/ limits, as well as their formulation and structuringf amily are relevant points to be discussed in all educational contexts, because, depending on the situations, instead of solving them, they may aggravate even more the existing conflict relations, resulting in the failure of the development of teaching.

Keywords: Indiscipline; Public School; Education.

SUMÁRIO

MEMORIAL ACADÊMICO	9
1.1 HISTÓRICO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	9
INTRODUÇÃO	11
3 CARACTERIZANDO A INDISCIPLINA NA ESCOLA.....	13
3.1 PERFIL DOS ALUNOS E OS DESAFIOS DOS PROFESSORES.....	17
3.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	19
4 RELAÇÕES SOCIAIS E A INDISCIPLINA.....	23
4.1 PROFESSOR E ALUNO	23
4.2 FAMÍLIA E ESCOLA	27
5 MEIOS QUE AMENIZAM COMPORTAMENTOS INDISCIPLINARES.....	30
5.1 ÉTICA E MORAL NOS MÉTODOS DE ENSINO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

MEMORIAL ACADÊMICO

Neste tópico apresentaremos a formação acadêmica da estudante com uma breve descrição do seu percurso.

1.1 HISTÓRICO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Comecei a minha trajetória escolar no ano de 1996, em uma escola de ensino multisseriado localizada na zona rural do município de Timbaúba – PE. Esta escola tinha apenas uma sala de aula e um pequeno espaço para preparar a merenda, não me lembro se havia banheiros, para ter acesso a mesma subíamos por uma estrada de barro, pois, a escola situava-se no alto de uma barreira.

A professora era minha tia Maria Geni, formada no curso de magistério, eu sempre ia junto com ela estudar, na maioria das vezes pegávamos carona nas estradas, quando não, íamos a pé. Ao mesmo tempo que dava suas aulas, deixava no fogo a merenda dos alunos, seus esforços eram notáveis, lembro que vizinhos que moravam próximo a escola, sempre preparavam um aniversário surpresa para a minha tia. Esses são os únicos detalhes que me recordo, pois, em menos de dois anos, minha família mudou-se para o município de Itambé-PE, onde resido atualmente.

Fui matriculada na Escola Frei Orlando, de porte muito grande onde passei todo meu percurso de Ensino Fundamental, da primeira a oitava série (1º ano ao 9º ano). O início foi muito difícil e conturbado para mim, em uma escola tão grande, com tantas crianças, jovens, muitas salas de aula, corredores, pátios largos, havia espaço para três escolas do Lyceu Paraibano. Tudo isso me deixava muito insegura e assustada, ficava a maior parte do tempo isolada de todos, minha primeira professora nessa escola se chamava Inácia, um anjo de professora, muito paciente comigo.

Os anos se passaram, na 8º série (hoje 9º ano) já tinha que me decidir se faria o Ensino Médio ou o Normal Médio (magistério), optei pelo Normal Médio com a intenção de ser professora. Desta maneira, fui estudar na Escola Benigno Pessoa de Araújo, que fica localizada em Goiana-PE, tendo aproximadamente 30 km de distância da cidade em que residia, Itambé-PE. Lá passei quatro longos anos, obtive

muitas experiências nas escolas daquela região, conheci muitas pessoas e frequentei novos lugares.

Logo, no ano seguinte após o término do magistério, fiz o vestibular em uma faculdade particular de Goiana-PE, para o curso de Pedagogia, passei, e ao chegar no 4º período, decidi fazer a transferência do meu curso para a UFPB. Desta forma, dei início ao curso de Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação no Campo.

Este curso, o qual concluo, tem em sua essência uma diversidade de temáticas a serem desenvolvidas, pois, ele contempla o estudo de toda a sociedade camponesa que se encontra no meio rural. Tudo estava indo muito bem, gostava de toda as experiências vividas, como também a convivência com os professores e colegas, do meu ponto de vista, a universidade é um local repleto de oportunidades e conhecimentos.

Apesar de tantas desventuras e dificuldades que passei na minha vida pessoal, durante este curso de cinco anos, nada me fez desistir, desanimar sim, mas desistir não me foi permitido, principalmente após a morte da minha irmã, busquei nela forças para continuar e conquistar o tão sonhado diploma.

INTRODUÇÃO

A indisciplina no contexto educacional se tornou uma temática cada vez mais discutida na atualidade, desta forma, este trabalho tem a intenção de explorar ideias sobre a compreensão do que é a indisciplina, o que ela causa e seus efeitos no desenvolvimento das crianças de maneira que ajude e assessor o professor em sua jornada cotidiana.

De acordo com o dicionário online (2018), a palavra indisciplina remete à falta de respeito às regras estabelecidas socialmente, à negação das normas e ao mau comportamento social do indivíduo que compromete a convivência humana. Sendo assim, podemos encontrar essa disfunção comportamental em qualquer grupo ou ambiente social, seja ela em instituições escolares ou não, essa pesquisa está direcionada, a apresentação e discussão de referenciais teóricos em torno da temática indisciplina no contexto atual das escolas públicas.

A disciplina dos alunos em sala de aula é um fator que muitos profissionais almejam. A identificação do perfil dos alunos que é um dos primeiros critérios que utilizamos para verificar algumas questões sociais, tais como, relação familiar, divórcio dos pais, dependências de drogas, abuso sexual, a pobreza, a fome, relação professor e aluno, etc. Todos esses fatores oriundos da vida social do aluno, podem contribuir para atitudes indisciplinares, deixando assim os professores aflitos e de mãos atadas, sem ter um suporte para lhe dar com essas problemáticas sociais.

Assim, a problemática desse estudo está associada em responder, como possibilitar ações que amenizem a indisciplina em sala de aula. O que educadores, estudantes e família podem fazer no combate a indisciplina escolar? Essas questões serão discutidas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa através de uma pesquisa bibliográfica.

Para Lima e Mioto (2007, p. 43) a pesquisa conceituada como bibliográfica pauta-se “[...] como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.” Portanto, a pesquisa bibliográfica é importante para analisar o objeto de estudo a partir da visão de outros autores, estabelecendo relações e até mesmo destacando

comparações acerca da temática discutida no decorrer da pesquisa e na análise dos dados.

O objetivo geral da temática foi de discutir os motivos que causam a indisciplina nas escolas. E para atender ao nosso objetivo geral, propomos como objetivos específicos do estudo: Contextualizar o significado de indisciplina, identificar os principais motivos que levam à indisciplina e avaliar estratégias para amenizar a indisciplina na escola.

A fundamentação teórica se estrutura no significado da indisciplina e o quanto ela interfere diretamente e indiretamente no desenvolvimento de qualquer indivíduo no meio social. Será discutido também a diversidade que há em sala de aula e o perfil dos alunos, a partir de uma metodologia baseada levantamento bibliográfico sobre medidas que ajudam a combater ou minimizar a indisciplina no ambiente escolar.

Prosseguindo, este trabalho descreve sustentado em apuração de dados bibliográficos que retrate a real situação do assunto sondado, a temática indisciplina nas escolas é sem dúvida provocativa e bem abrangente, possibilitando uma rica discussão diante das problemáticas que envolvem o assunto.

3 CARACTERIZANDO A INDISCIPLINA NA ESCOLA

A indisciplina na escola é uma temática preocupante e que ganha força nos tempos atuais, Santos e Brito (2011) relatam que está cada vez mais nítida as expressões e demonstrações da insatisfação dos professores diante ao comportamento dos alunos, são incessantes as queixas dos professores. Façamos então uma breve reflexão sobre o que eleva a indisciplina e a violência no ambiente escolar.

Parrat-Dayan (2009, p. 66;67), trazem a hipótese de que a indisciplina acontece por conta da permissibilidade dos pais, os que não impõem limites nas crianças, desta forma, a criança não reconhece e não respeita regras, ocasionando uma deficiência moral. O autor também comenta sobre as aulas ministradas pelos docentes, que para os alunos, não são nada interessantes.

Desta forma o autor explicita outras possibilidades que influenciam no aumento da indisciplina, como por exemplo, as diferentes culturas, com seus costumes e maneiras que provocam a inquietação e o preconceito, quando os alunos não reconhecem as diferentes normas culturais, seja de seus colegas ou de seu próprio professor. Assim também como o julgamento negativo do professor com o aluno. Todos esses fatores citados, segundo o autor Parrat-Dayan (2009), têm participação significativa no processo de desenvolvimento do alunado, acarretando o fracasso escolar, familiar e social.

O autor Silva (2004), também contribui fortemente quando se diz respeito a falta ou diminuição de valores morais, que deveriam ser aplicadas tanto pelas escolas quanto pelos familiares:

Consequência: sem limites, tais crianças e jovens não tinham o que desejar (pois o desejo nasce justamente do interdito, ou seja, da proibição), não tinham condições de lidar com o outro e respeita-lo porque não construíram os valores que poderiam possibilitar-lhes tal convívio[...]. (SILVA, 2004, p. 32).

No relato evidenciado pelo autor, fica claro a relação e interferência existente no convívio entre os sujeitos, pois, nesse momento o proibido dá sentido ao desejo, trazendo uma reflexão mais clara sobre as condutas de moral, que por sua vez, possibilita os envolvidos a pensarem melhor, sobre suas atitudes e ações diante das

situações de confronto, passando a agir de maneira civilizada e dialogada, aumentando as chances de solucionar seus problemas cotidianos.

O autor também relaciona em seu estudo o agravamento e aumento da indisciplina no contexto escolar a situação econômica e política vivenciada nas últimas décadas em nosso país. Evidenciando que esse estado no qual o país se encontra, influencia no comportamento dos alunos. Nossa sociedade se encontra em um estado democrático, por sua vez, permite mais liberdade de expressão, ocasionando conflitos, que não são tão simples de se resolver quando não se tem o senso básico de moral e ética, enquanto décadas atrás éramos obrigados a obedecer a regras ditatoriais, tínhamos que ser obedientes as regras ou éramos punidos rigorosamente, nos impedindo de questionar, argumentar ou até mesmo protestar.

Silva (2004, p. 33) diz: “[...] a criança que não fizesse a chamada “lição de casa” ou bagunçasse em sala de aula era punida fisicamente, repressões verbais e/ou com exclusão momentânea ou definitiva da escola.” Essas situações conflituosas, acabavam sendo agravadas com as atitudes tomadas pelos docentes que tinham a punição como forma de solução da indisciplina, o que influenciava na mudança disciplinar dos alunos e muitas vezes ocasionava o fracasso escolar.

Portanto, ao falarmos de indisciplina no contexto atual, se faz necessário olharmos de maneira diferente para os nossos alunos, pois, devemos percebê-los através de um diálogo ético que deve acompanhar a nossa formação docente, como forma democrática de considerarmos os argumentos dos alunos como fator de enriquecimento do aprendizado e não como conduta indisciplinar em sala de aula.

De fato, podemos perceber que muitos docentes almejam a disciplina de seus alunos, no entanto poucos conseguem a ordem e o sucesso de seu alunado.

Não é fácil conceituar a indisciplina, pois é algo complexo e muitos se confundem quando acham que uma sala de aula por estar tumultuada, com muitos alunos conversando, ou mesmo com as posições das carteiras em círculo, logo se pensa que os alunos são indisciplinados e que o professor perdeu sua autoridade em sala de aula.

A indisciplina é algo muito mais amplo e difícil de ser interpretado, exigindo dos profissionais de educação, muita paciência e criatividade. Esses comportamentos podem ser vistos não apenas nas escolas, mas em todo contexto

social, na família, igreja, áreas rurais ou urbanas, nas ruas, nas redes sociais, em qualquer meio que expresse a relação social pode-se haver atitudes indisciplinares.

Mas o que significa indisciplina? Na prática, podemos identificá-la como ações que comprometem a aula, que impedem o trabalho docente, prejudica o aprendizado e desenvolvimento dos alunos. Existem diversas definições e muitas assemelham-se, Tiba (2006), nos traz a ideia de disciplina como sendo o causador da formação da personalidade e sucesso do indivíduo, ele cita: "Disciplina é um dos fortes ingredientes da competência profissional, da cidadania, da boa convivência familiar do aprendizado escolar, da economia psíquica e financeira, da ponderação e da felicidade (p. 6)."

Já Vichessi (2011), contribui dizendo que: "O comportamento inadequado do aluno não pode ser visto como uma causa da dificuldade para lecionar. Na verdade, ele é resultado da falta de adequação no processo de ensino." Diante deste pressuposto, o autor mostra a possibilidade de mudar esse quadro a partir da conduta da equipe escolar, mais precisamente do professor. Tarefa essa que exige sensibilidade, criatividade e tempo, devendo o profissional apropriar-se do universo real do aluno, possibilitando uma proximidade maior entre os conteúdos a serem ensinados e a sua realidade vivida socialmente.

[...] a indisciplina é provocada por problemas psicológicos, ou familiares, ou da estruturação escola, ou das circunstâncias sócio históricas, ou, então, que a indisciplina é causada pelo professor, pela sua personalidade, pelo seu método pedagógico etc. Na realidade a indisciplina não apenas tem causas múltiplas, como também se transforma, uma vez que depende de todo um contexto sociocultural que lhe dá sentido. (PARRAT-DAYAN, 2009, p. 19)

Parrat-Dayan (2009) nos leva a refletir melhor sobre todos esses exemplos citados acima, quantos fatores podem contribuir para o mal comportamento dos alunos. Quem já passou por experiências em sala de aula como estagiários, ou qualquer outra função, uma vez ou outra já ouviu professores dizerem que não conseguem o controle da turma, que eles não os escutam, que não fazem as atividades, professores que contam os dias para os feriados e férias chegarem logo. Comportamento assim, vinda de professores, tendem a fracassar ainda mais em seus ofícios diários. Os alunos começam a perceber que o professor está desmotivado e o controle da aula passa a ser do aluno e não mais do professor.

O tratamento da pedagogia tradicional durante o século XIX, que faziam uso de instrumentos de violência física, que auxiliavam no controle dos alunos, tornava mais fácil o trabalho docente, pois o sistema de ensino também visava ensinar os alunos de maneira homogênea.

Contudo, para que o aluno aprenda, não basta que ele esteja matriculado. É primordial que a escola, as salas de aula e os profissionais que ali trabalham sejam preparados para que o ensino aconteça. [...] há a clareza de que as crianças não aprendem no mesmo ritmo nem da mesma forma. Essa premissa - que vale para qualquer turma - é crucial quando se trabalha com crianças que têm necessidades especiais. O caminho apontado é o da flexibilização. (HEIDRICH, 2009, p. 01)

Nesse caso os alunos que apresentavam comportamentos em suas condições neurológicas, psíquicas, emocionais limitadas ou diferenciadas, eram submetidas a aprenderem no mesmo ritmo. Quando na verdade se tinha a necessidade e sensibilidade de preparar aulas diferenciadas respeitando a necessidade especial daquele aluno.

Como já podemos perceber a indisciplina é algo muito complexo, o autoritarismo de um professor, também pode ser um fator causador da indisciplina em sala de aula, o excesso de ordens e regras preestabelecida pelo docente pode causar o desconforto, a agitação, o desrespeito, a falta de atenção, a falta de motivação dos alunos e até mesmo do profissional tornando o trabalho docente exaustivo e frustrante.

[...] a busca pelo controle das situações de sala por parte dos professores não reconhecidos como autoridade se dá, prioritariamente, por atitudes autoritárias, em que o poder de adulto e da hierarquia se impõe, muitas vezes, de maneira arbitrária e parcial. (VIVALDI, 2014, 01)

De acordo com o autor, se faz necessário e importante que o professor tenha o domínio da turma para enfrentar determinadas situações. Mas que não seja confundida com o poder do autoritarismo, pois pode piorar mais ainda em situações de conflito entre alunos em sala de aula.

Veremos no tópico a seguir, crianças que aparecem ser preguiçosas, violentas, mal-educadas, quietas demais, entre outros aspectos, que são confundidas com crianças indisciplinadas.

3.1 PERFIL DOS ALUNOS E OS DESAFIOS DOS PROFESSORES

Segundo Tiba (2006), existem outros fatores que se assemelham a indisciplina, quando na verdade são conhecidos como distúrbios e transtornos pessoais, que muitas vezes são passados despercebidos pelos profissionais da educação, e que afetam consideravelmente o desenvolvimento da capacidade cognitiva dessas crianças. Santos (2017), contribui mostrando que:

Quando falamos em dificuldades de aprendizagem, estamos nos referindo especificamente a alguns tipos de desordens que impedem uma pessoa de aprender no mesmo ritmo de quem não apresenta o problema — e não à dificuldade normal que todos temos em aprender um determinado tema. (SANTOS, 2017, p. 01)

Mas, não é tão simples quanto parece, a complexidade da diversidade que se encontra na convivência com essas crianças, mostra o quanto é necessário a ajuda de seus familiares e de outros profissionais na área da saúde e da educação.

Tiba (2006), em sua pesquisa nos mostra com clareza as manifestações de alguns transtornos mentais, que por consequência prejudica as crianças comprometendo o seu aprendizado, desta forma, delinearemos a seguir alguns destes transtornos que estão presentes em algumas crianças.

O autor descreve os distúrbios psiquiátricos, apresentados por alunos que interpretam mal algum comando geral que o professor faz a turma, fazendo esse aluno pensar que o professor está o perseguindo, podendo o mesmo reagir com agressões ou ameaças. A hiperatividade e déficit de atenção, afetam aqueles alunos que não param um segundo, bastante impulsivos e inquietos, sempre aprontando alguma, porém muito inteligentes e ágeis, aprendem tudo com mais facilidade e desempenho.

Entretanto, o déficit de atenção é apresentado pelo autor de maneira isolada, são aqueles alunos mais quietos, que não se incluem em atividades com os demais estudantes, não participam da aula e na maior parte do tempo estão distraídos com outras coisas ou com pensamentos que não condiz com o aquele momento.

A dislexia para Tiba (2006), se apresenta como um problema em que o aluno não consegue aprender, por não suprir as informações que lê, apresentando alta dificuldade em reconhecer sons e formas das letras, fazendo um esforço imenso

para conseguir unir letras e formar palavras, o que acaba interferindo diretamente no seu desenvolvimento.

Na deficiência intelectual, o autor descreve as dificuldades que as crianças tem de memorizar, compreender explicações, não entendendo o que é lhe pedido, a sua deficiência interfere na capacidade de fazer planejamentos, esse tipo de transtorno pode-se perceber na fase maternal, e a criança pode demonstrar-se impulsiva e até agressivas.

Já no transtorno de personalidade, ele explica as dificuldades que algumas crianças tem de se colocar no lugar do outro, e dificilmente sentem remorsos ou culpa, sendo assim, eles tem capacidade de praticar delitos graves, como enganar, mentir, e até mesmo subtrair objetos das pessoas.

Entre esses, muitos outros transtornos influenciam na estabilidade e na convivência harmoniosa dentro da sala de aula. De acordo com uma pesquisa realizada por Chade e Palhares (2017), o Brasil está na posição de maior índice de pessoas com transtornos de ansiedade no mundo e em quinto lugar com pessoas depressivas. O professor, necessita de dedicação e valorização para exercer sua profissão, para lhe dar com a grande diversidade social presente em nossas escolas, embora não seja suficiente, pois a sensibilização em excesso, também pode gerar problemas emocionais para o próprio profissional, que acaba por se influenciar pelas histórias e trajetória de seus alunos.

De modo geral, essas crianças necessitam de uma atenção especializada que as ajudem a enfrentar e superar suas dificuldades, da mesma forma, os professores precisam de uma boa formação, pois estão cada vez mais propícios a ficarem doentes ou com algum problema emocional, como depressão, ansiedade e cansaço mental, afastando-os das salas de aula.

Principalmente aqueles que passam por uma jornada de trabalho extensa e de múltiplos deveres e desafios, contando com salas de aula superlotadas e muitas vezes inadequadas para comportar tantas crianças, mesmo diante dessas adversidades, existem os que conseguem criar um ambiente acolhedor e afetivo. E essa conquista se torna fundamental e importante para que o trabalho docente flua de maneira divertida e prazerosa, possibilitando aos alunos a descoberta do conhecimento por meio de uma metodologia baseada no acolhimento do alunado.

3.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Hoje, estamos vivendo em uma sociedade que está evoluindo muito rápido, em uma realidade que nos envolve e nos desafia dia a pós dia, a sermos melhores e capazes no que fazemos. As pesquisas realizadas em volta da formação docente, mostram o quanto vem sendo de suma importância esse processo de formação inicial do professor enquanto aluno universitário, sua prática pedagógica, pode sim, interferir nos fatores problemáticos em volta da indisciplina e no desenvolvimento do ensino-aprendizagem das crianças. Essa formação inicial, nada mais é, do que o início de um longo trajeto que o professor percorrerá para a construção do seu perfil profissional e que sucessivamente poderá exercer sua função em sala de aula, sem abrir mão de sua continua formação.

Para que essa formação seja um processo pleno, é necessário fazer uso dos saberes e práticas de ensino que esses alunos universitários já presenciaram em seu cotidiano, seja por estágios, programas de ensino ou até mesmo como professores em escolas públicas ou particulares. Pois, toda experiência contribui consideravelmente, ampliando a elaboração e execução das políticas pedagógicas de ensino, sem desconsiderarmos é claro, a conexão da teoria com a prática, de acordo com Lima *et al.* (2007):

Ser professor então, passa a ter um caráter dinâmico, reflexivo, transdisciplinar e solicitando que o professor saiba articular os saberes de forma significativa desdobrando uma visão de totalidade e não fragmentação, de completude e não de dimensão lacunar, de participação e não de isolacionismos de ações. (LIMA *et al.*, 2007, p. 97)

O referido autor explicita pontos interessantes para o docente universitário, como também, quebra lacunas entre o envolvimento de toda essa dinâmica de ações, ajudando-o a aperfeiçoar seu domínio didático e competências educacionais. Porém, levando sempre em conta os saberes desses futuros profissionais, articulando para um desempenho melhor em seu papel de formador. Assim, insisto em dizer que o saber significativo só será possível com articulação da prática que já trazem com o material teórico. Não é diferente nas escolas públicas, dos professores para seus alunos, esperam que seus professores levem em consideração suas particularidades e que sejam capazes de fazer essa ligação entre experiência e teoria. “Os saberes práticos são aprendidos na prática do ofício e não na

universidade, onde se aprende a imprescindível teoria para o aprendizado da prática.” (SILVA, 2009, p.13).

Devemos enfatizar que é indispensável a sensibilidade do professor para com suas experiências, é um fator substancial para o processo de aprendizagem para esses sujeitos. Sendo imprescindível que ele vivencie diretamente essa prática escolar, estando diretamente ligado ao ambiente de seu futuro trabalho em sala de aula.

No entanto a falta de conscientização da sociedade em geral, de não darem importância a qualidade de profissional que estão formando para o mercado de trabalho, fazem crescer a ideologia de que o importante é adquirir o diploma e não a conscientização do apreender.

A consequência, em instituições públicas ou privadas, é que há, segundo os entrevistados, uma “indústria dos certificados de estágio”, que vai desde a fraude até uma ação meramente formal de acolhimento e trabalho nas escolas, a não ser em casos mais pontuais em que há um interesse profissional legítimo nessa relação. (ABRUCIO, 2016, p. 46)

Não formar futuros licenciados com qualidade, prejudica consideravelmente o desempenho desses futuros professores em sua função docente. A falta de comprometimento e seriedade em seus estágios durante sua formação, torna ainda mais difícil a experiência desses profissionais para com a diversidade encontrada nas escolas, empobrecendo sua atuação didática em sala de aula. Porém, também cabe às universidades e faculdades a responsabilidade de fiscalizar e observar se seus alunos estão de fato cumprindo com os estágios obrigatórios e se os mesmos estão tendo um bom desempenho. Vale ressaltar que esses estudantes já vêm de uma rotina bastante conturbada, cabendo ao professor e ao seu aluno universitário articular seus espaços de tempo para a efetivação dos estágios.

Os profissionais da educação vêm sendo cada vez mais cobrados, seja pelos pais das crianças ou pela política educacional, havendo ainda, a desvalorização profissional. Restando tão pouco tempo, os professores têm que redobrá-lo para dar conta de inúmeras tarefas e exigências, sejam elas burocráticas do processo de ensino e aprendizagem, como também no equilíbrio do convívio entre crianças e familiares, que vem acompanhados pelos seus costumes, crenças, situação econômica, cultural, estrutura familiar e outras especificidades culturais. O mundo vem avançando e junto com ele a tecnologia, passando por muitas

mudanças constantes e por isso exigindo mais do profissional, o mesmo deve estar aberto e atento as novidades em torno das crianças. Por isso, a formação continuada é uma forma do professor se apropriar de novos conhecimentos, mas, também, se torna uma dificuldade para o docente inserir em seu tempo tão curto e fracionado dedicado a sua rotina de planejamento e vida pessoal:

A formação continuada de professores é o processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade docente, realizado ao longo da vida profissional, com o objetivo de assegurar uma ação docente efetiva que promova aprendizagens significativas. (FURTADO, 2015, p. 01)

Sendo assim, o autor Furtado (2015), nos faz refletir possibilidades de melhorias no processo de ensino e aprendizagem através da formação do professor, devendo o profissional ser capaz de continuar se capacitando, percorrendo o caminho da atualização, dessa forma irá se tornar competente a tal ponto de perceber a relevância de toda a sua continuidade na formação, terá mais autonomia, será possível se auto avaliar e dará mais sentido a tudo prática pedagógica, podendo perceber suas vitórias e fracassos nas suas ações. Idealizando possibilidades de adequar suas aulas em diversas situações, ampliando suas técnicas e ferramentas de ensino.

Como diz a autora Parrat-Dayann (2009, p. 111), “trata-se de um educador ator e não executor.” Esse educador promove o modelo de ensino construtivista para seus alunos, com a intenção de torná-los seres autônomos e construtores de seus próprios saberes.

Aumenta-se ainda mais as possibilidades quando o professor trabalha de maneira coletiva, em equipe, com outros professores e juntos pensar em atitudes capazes de mudar determinada realidade escolar ou uma realidade pedagógica.

A consequência desse modelo é que novas competências deverão ser desenvolvidas na formação de educadores. Assim, o novo profissional precisa ser um especialista da aprendizagem, ter uma prática reflexiva e manifestar capacidade de integração numa equipe e numa organização escolar. (DAYAN-PARRAT, 2009, p. 112)

Dessa forma, o ensino se torna mais eficiente e eficaz, pois é nesse momento que os professores descobrem novas habilidades e talentos, tornando-se possível esse aprendizado através de questionamentos, dúvidas, sugestões, projetos, com base nas experiências vividas e trocadas entre os docentes, que

proporcionam uma sintonia entre suas ideias semelhantes, construindo concepções reflexivas acerca das situações ocorridas dentro das salas de aula.

4 RELAÇÕES SOCIAIS E A INDISCIPLINA

4.1 PROFESSOR E ALUNO

Os professores precisam se esforçar ao máximo para alcançar seus objetivos, quando o aluno não quer estudar e não é estimulado, o professor também fracassa junto com ele. O professor é quem facilita o aluno a aprender, pois, o aluno está ali para adquirir conhecimentos e em sua mente, ele precisa passar de ano. Nessa perspectiva existe confrontos. O primeiro se apresenta através da ameaça do professor para os alunos estudarem, pois poderão não passar de ano e a segunda se relaciona com a recuperação que o aluno terá que fazer para ter que passar de ano.

Este fato sugere que as (os) professoras (os) fazem uso constante de ameaças. Ora ameaçam o aluno dizendo que se ele não parar de conversar, seu nome será anotado e sua nota será descontada, ora ameaçam dizendo que redigirão uma ocorrência, encaminharão para a direção ou serviço de Orientação escolar. (MENDONÇA, 2010, p. 29)

Segundo Mendonça (2010), os professores ameaçam com o intuito de intimidar seus alunos, esperando ganhar o respeito e a ordem dentro de sala de aula. Mas é importante que o aluno encontre na escola além de passar de ano, um sentido, uma proximidade com o mundo que o rodeia.

Campos (2015), nos traz uma reflexão sobre o quanto algumas atividades e metodologias adotadas pelo professor são desinteressantes e desmotivadoras. Através dessas ações o professor colabora para a real insatisfação do aluno em aprender o conteúdo, tornando assim uma aula monótona que ocasiona a dispersão dos estudantes. O aluno não aprende, o professor perde tempo e a aula fica tumultuada e sem sentido. Por fim, a aula termina em conflitos e estresses entre todos os envolvidos.

Também existem muitas divergências no momento em que o professor tenta resolver situações de violência entre alunos.

Se analisarmos a reação dos professores diante de um aluno agressivo verificaremos que muitos docentes os levam a diretoria. Infelizmente, essa atitude acaba por tirar a sua própria autoridade, visto que acabam por “transferir a responsabilidade para o outro” ao invés de usar sua autoridade para resolver a situação. (ARAÚJO e MENDONÇA, 2015, p. 43)

Nessa perspectiva, sabemos bem que isso acontece com muita frequência nas escolas, principalmente quando se trata de escolas públicas, por receberem uma clientela maior e heterogênea. Os problemas pioram quando se direcionam a desigualdade social, também há outro fator não menos importante, que é o estado emocional daquele professor em situações de convivência com seus demais colegas de trabalho, e que para piorar nem sempre esses professores tem o apoio de um coordenador pedagógico.

A baixa frequência de encontros entre os professores na escola, para discussões relativas ao desenvolvimento do seu trabalho se deve à ausência do CP (coordenador pedagógico), que tem a função de articular, promover e conduzir tais encontros. (GEGLIO e NEVES, 2011, p. 7)

É notável a demonstração de carência do apoio pedagógico, abrindo espaço para a insegurança e desmotivação por parte do docente. Para isso o profissional e toda a escola juntamente com a família, devem estar unidas para trabalhar de maneira cooperativa, contribuindo para um ensino construtivo e eficiente, mantendo o foco nas relações éticas e moralistas, impondo regras e limites significativos, tomando condições substanciais para o aprendizado partindo do diálogo e não de ordens simplesmente impostas na dinâmica escolar.

Cabe lembrar que o diálogo é a única ‘arma’ eficaz para convencer os alunos sobre os benefícios de se incorporar valores positivos, (ARAÚJO E MENDONÇA, 2015).

Quando se refere a um diálogo com a turma, não se trata de um diálogo solto, mas um diálogo conduzido pelo professor, que tenha um objetivo, um porque, que tenha um foco na solução de um determinado assunto. É importante demonstrar interesse para com o que o aluno traz consigo, para que eles se sintam motivados e interessados.

Quando o professor está seguro do conteúdo, estabelece relações deste com a realidade, os alunos fatalmente se interessam pelo que está sendo apresentado e desejam se apropriar deste saber para colocá-lo em prática no seu dia a dia. (MENDONÇA, 2010, p. 28)

O preparo do profissional, também é um fator imprescindível para que se tenha um bom desempenho em situações críticas, seja com alunos, pais ou até mesmo com outros funcionários da escola, um bom profissional é um bom aprendiz,

sabe que é importante se renovar, se atualizar para que se obtenha relevância no que se está fazendo, o acompanhamento familiar, o apoio da equipe escolar, fazem parte do processo de ensino e aprendizagem, são reforços auxiliares para o professor e, através de todo este trabalho coletivo, a aula pode fluir de maneira mais favorável para ambos envolvidos no cotidiano escolar.

Todos professores desejam disciplina na escola para que ocorra efetivamente uma aula tranquila e eficaz. Mas qual disciplina é boa? Qual disciplina faz sentido? Para o quadro de professores e alunos que temos na atualidade, existiria um tipo de disciplina que os correspondam? É certo que a disciplina sempre se faz necessária, seja no ambiente escolar ou não, cabendo em ambos os meios a utilização do equilíbrio para a solução de determinadas situações.

Disciplina é um dos fortes ingredientes da competência profissional, da cidadania, da boa convivência familiar, do aprendizado escolar, da economia psíquica e financeira, da ponderação e da felicidade. (TIBA, 2006, p. 16)

O autor traz consigo motivos relevantes e importantes no ato da disciplina em sala de aula, então não resta dúvida de que a disciplina é algo fundamental no processo de formação dos indivíduos, que deverá não só estar presente em sala de aula, mas em todo contexto social para que a sociedade progrida com naturalidade, sendo vista como fator essencial para seu exercício e não como uma obrigação ou regra a ser seguida.

No processo de ensino e aprendizagem, muitos atributos de moralidade e ética são simplesmente ignorados pelo professor, em seus planejamentos rotineiros, como também a distância entre a família do seu aluno, que não passa exemplos de respeito, amor, dignidade, fraternidade, ou seja, fatores esses essenciais para a formação e desenvolvimento dos indivíduos. Esse enfoque traz mudanças e contribuições positivas tornando-os mais competente, éticos, cidadãos, mais livres, mais felizes (TIBA, 2006).

A questão da indisciplina não é algo tão simples que possamos resolver com punições ou ameaças, até porque esse método está muito enraizado nos séculos XIX, hoje o diálogo é uma ferramenta importante e que deve ser trabalhado constantemente, dia após dia.

Quando um professor faz uma promessa ou uma ameaça o mesmo tem que tomar todo cuidado, pois terá a obrigação de cumprir com sua palavra. Muitas vezes passa a ser um trabalho árduo e exaustivo, fazendo muito professores desistirem de seus ofícios, já outros chegam a depressão por não saberem como lidar com as problemáticas do cotidiano escolar, muitos não sabem como conquistar a atenção, o respeito e a disciplina, para que o trabalho docente se desenvolva, de maneira tranquila e eficaz.

4.2 FAMÍLIA E ESCOLA

Bem como já ouvimos falar, ou já vimos situações em que algumas famílias ou responsáveis pelo o aluno, não prestam sua cooperação junto a escola para o cumprimento do desenvolvimento de aptidões básicas, como por exemplo as atitudes comportamentais em lugares públicos, principalmente em salas de aula. Atualmente muitas escolas se encontram em conflito com a família da criança, os professores e a gestão procuram o envolvimento dos responsáveis, nas suas atividades escolares, formação da personalidade e conscientização humana.

Se, por um lado, professores e gestores cobram maior envolvimento dos pais no cotidiano escolar de seus filhos por meio do acompanhamento da lição de casa, participação em reuniões, entre outras estratégias; do outro, estes reclamam da falta de abertura e escuta de suas demandas por parte da escola. (PAIVA, 2017, p. 01)

Dessa forma, quando se deveria criar uma aliança com os responsáveis pela criança, traçar objetivos e metas em comum, para conduzir os alunos para um caminho de sucesso, criam na verdade um clima de tensão, em que ambos apontam uns aos outros como culpados.

Segundo Tiba (2006), o aluno e a família são aliados quando se trata de reclamações vindas da escola, ou seja, a família prefere e acha mais favorável se unir ao aluno do que a escola, mesmo sabendo o quanto a criança pode estar errada. Para os pais é mais fácil dar um não para a escola do que para seu filho, assim evitando conflitos dentro de suas casas entre eles.

Esses pais que passam sempre à mão na cabeça de seus filhos, estão formando uma criança mimada, sem responsabilidades, sem ética, entre muitos

outros fatores, inclusive o mais importante, fazendo dessas crianças, crianças infelizes.

Mendonça (2010), nos traz algumas reflexões sobre modelos de pais: os autoritários, os permissivos e os democráticos. Os pais autoritários são os que impõe regras sem dialogar, nem justificar o porquê, passando o medo e não o respeito. Quebrando as regras esses pais castigam de maneira emocional ou física, são muitos rígidos a tudo e seus filhos nunca devem os contrariar, crianças com essa convivência acabam se tornando tímidas, quietas, inseguras e com medo de desempenhar atividades da sua idade.

Os pais permissivos são aqueles que toda criança faz o que quer, são muitos dedicados ao controle que as crianças exercem sobre eles, dificilmente dizem não para seus filhos e zelam para que eles não se frustram com nada e que sempre tenham nas mãos tudo o que desejam, podemos identificar seus filhos como crianças birrentas, barulhentas, infelizes, provocativas e que sempre não estão satisfeitas.

Já os pais democráticos são os que fazem bom uso do velho dialogo, permitem que seus filhos reflitam e questionem, conseguem estabelecer regras combinadas de maneira clara e com fundamentos, fazendo de seus filhos, crianças independentes, responsáveis, críticas e com autonomia, tornando-as mais propícias ao sucesso pessoal e profissional no futuro.

Nos estudos de Mendonça (2010), entre os três modelos, o caso mais observado na prática é o modelo dos pais permissivos, que encontram dificuldade em educar seus filhos com regras e limitações, e isso prejudica significativamente a criança, tanto quanto o modelo de pais autoritários.

É cada vez mais comum eles trabalharem muito e terem menos tempo para se dedicar à educação dos filhos, sentindo-se muitas vezes culpados pela falta de tempo, esperando que a escola assuma sozinha a função que deveriam compartilhar: a responsabilidade de passar para a criança os valores éticos e de comportamento básicos. (MENDONÇA, 2010, p. 17)

Ao mesmo tempo que os pais entregam a responsabilidade de educar para a escola, por vezes acham que a escola extrapola as regras e normas impostas aos seus filhos, contradizendo e desacordando com o professor. Desta forma, Mendonça (2010), sustenta a ideia de que: “Ao perceber que os pais estão sempre do seu lado, os alunos ficam com a impressão de que tudo é permitido.” Passando para a criança

um pensamento conturbado, fazendo-a pensar que não deve seguir aquelas regras se não quiserem, ocasionando o embate entre a escola e a família. O senso de moral quando passado pela família se torna um atributo eficiente para o desenvolvimento da criança, ajudando-a a construir sua conscientização perante ao que é permitido e não permitido.

Segundo Libâneo (1994), a autoridade moral é o conjunto das qualidades de personalidade do professor: sua dedicação profissional, sensibilidade, senso de justiça, traços de caráter. Desta forma, podemos entender que o professor deve trabalhar avaliando principalmente sua conduta enquanto profissional, considerando todos os fatores que influenciam no desenvolvimento da criança, exigindo do mesmo a dedicação e o amor pelo seu ofício. E quando esse ofício é exercido com sensibilidade e justiça, considerando suas diferenças sociais, ouvindo-os, provocando-os com indagações a respeito do que eles já trazem consigo, a autonomia e independência dos alunos são despertadas, tornando-os seres pensantes e críticos no meio em que vivem.

A família por sua vez, deveria estar em harmonia com a escola para obterem resultados com mais eficácia, pois, quando a família se ausenta de seu dever como orientador da criança, o trabalho se torna mais exaustivo e desafiador para o professor.

5 MEIOS QUE AMENIZAM COMPORTAMENTOS INDISCIPLINARES

5.1 ÉTICA E MORAL NOS MÉTODOS DE ENSINO

Não podemos descartar aspectos de ensino voltado para a moral e ética, temos eles como forte instrumento, primordial para o desenvolvimento íntegro do ser humano, e que influência significativamente na vida adulta da criança, na maioria das vezes os problemas de indisciplina estão relacionados a falta deles, e que se torna de suma importância a interligação desses aspectos no plano de ensino, vejamos então a definição da ética segundo Ribeiro (2018):

[...] ética seria uma parte da filosofia (e também pertinente às ciências sociais) que lida com a compreensão das noções e dos princípios que sustentam as bases da moralidade social e da vida individual. Em outras palavras, trata-se de uma reflexão sobre o valor das ações sociais consideradas tanto no âmbito coletivo como no âmbito individual. (RIBEIRO, 2018, p. 01)

Apesar da ética e moral terem tanta proximidade, há diferença entre ambas. Ética vem como um conjunto de valores e está aprofundada nos conceitos morais que orientam os humanos nos seus comportamentos em sociedade. Já a moral segundo Ribeiro (2018):

[...] podemos dizer que se trata do conjunto de valores, de normas e de noções do que é certo ou errado, proibido e permitido, dentro de uma determinada sociedade, de uma cultura. (RIBEIRO, 2018, p.01)

Como podemos ver, a moral é um conjunto de normas e regras que devemos seguir para que haja no mínimo um equilíbrio de convivência passiva na sociedade, a moral vem acompanhada da consciência, sabendo-se que, toda e qualquer decisão vem acompanhadas de consequências, e que as mesmas devem ser aceitas, sendo elas boas ou ruins.

Dessa forma, a ética tem o papel de trazer a reflexão através da moral regida por regras e normas de conduta, sabendo-se que a moral interage com a realidade atual que o indivíduo se encontra inserido, ou seja, é através de princípios e de valores que a moral é formada, sendo assim, a moral é influenciada pela

situação atual de determinada região, e com o passar do tempo vai tomando forma com a ajuda da educação e do cotidiano do educando.

Segundo Parra-Dayan (2009), os problemas indisciplinares ganham mais força quando a família se ausenta do cuidado, principalmente quando a mesma não tem o que oferecer para a criança como exemplos de moralidade e de ética, deixando a serviço da escola e da vida na rua.

Dessa forma, se faz necessário um trabalho em conjunto, escola, família e comunidade, em que a união esteja voltada para o desenvolvimento intelectual da criança, com todos os elementos necessários para a obtenção de bons resultados na sua vida infantil, adolescente e adulta.

Tiba (2006) ressalva, “[...] a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai e pela mãe, e pelo próprio aluno.” Isso só é possível se todos os envolvidos estiverem centrados nos mesmos objetivos e metas a serem alcançadas. Assim, a indisciplina deve ser embasada pela compreensão ética, e para que isso seja possível, deve haver significado para a criança, habituando elas a manifestarem atitudes que construa um ambiente de relações cooperativas e de respeito uns com os outros.

Dessa maneira, farão dessas crianças seres humanos pensantes e críticos de sua realidade, e possibilitará avaliar melhor suas escolhas, tendo em mente as consequências que os levaram a responderem, sendo elas boas ou ruins, mas de maneira consciente.

Por isso, se torna tão importante implementar regras/normas, seja nas escolas, em casa, na vizinhança, nas brincadeiras, jogos, em qualquer lugar que haja interação com o outro, que sejam de maneira dialogada e combinada, havendo acordo entre ambas partes, com seus professores, vizinhos ou amigos, desde que sempre parta de um diálogo concordado e não de algo imposto.

Do mesmo modo que a heteronomia é característica do respeito unilateral, o respeito mútuo conduz à moral autônoma. Através da reciprocidade, a pessoa passa a ser capaz de coordenar diferentes pontos de vistas e de ações, elaborando assim, suas próprias normas de conduta. (TODERO et al., 2009, p. 08)

De acordo com as autoras, esse respeito é reconhecido no momento do diálogo, em que todos podem participar, discutindo, dando sugestões e chegando a um resultado justo para ambos, assim vão estar cooperando, não só para o seu

próprio benefício, mas em benefício igualitário para com todos que estão ali participando, seja de uma atividade, brincadeiras, decisões para a boa convivência ou em qualquer outro momento que os envolvam.

Impor limites ou regras sem o aval dos alunos, abre espaço para o confronto, por isso a importância de construir as normas de conduta coletivamente, propiciando a chance para os alunos exporem suas ideias e argumentos, aproximando a consciência sobre seus deveres e direitos, provocando o senso de responsabilidade e independência para com suas escolhas, tendo por perto o professor para indagá-los e orientá-los.

Assim, a ética e a moral andam sempre juntas, para manter um equilíbrio de respeito e amor uns com os outros, dessa forma, sem ética não teria uma reflexão sobre as normas de moral, seriam apenas regras intrínsecas, que não possibilitaria ao ator das ações uma compreensão sobre suas decisões/ações, o por que? Para que? E assim por diante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos verificar nos estudos dos autores utilizados em nossa pesquisa, a indisciplina é um comportamento gerado por múltiplos fatores, desde a ausência da família, a convivência nas ruas ou até dentro das escolas. Tudo em volta das crianças reflete em atitudes positivas e também negativas. Essas condutas negativas são chamadas de indisciplina, quando a criança não respeita as regras, quando não é cooperativo, quando agride seus colegas ou até mesmo ao professor.

Entretanto, cabe aos responsáveis da criança e a escola investigar a razão de tais comportamentos para conscientizá-los da importância do respeito e da cooperação uns com os outros. Pois, para todo mal comportamento apresentado pelas crianças, há motivos em volta, que para serem percebidos, necessitam de um olhar sensibilizador pelo professor e pela família.

No segundo objetivo identificamos os principais motivos que ocasionam à indisciplina no ambiente escolar, na qual constatamos a sua relação com o convívio do professor, aluno, família e escola, como fatores primordiais na disseminação reflexiva sobre a formação do aluno. Por fim, avaliamos as estratégias capazes de amenizar a indisciplina na escola, em que nos respaldamos teoricamente na conceituação da ética, moral e o diálogo como princípios fundamentais para amenizar e combater a indisciplina no convívio escolar.

Diante desta temática tão importante e pouco discutida no campo acadêmico, podemos destacar a falta de trabalhos voltados para o desenvolvimento e aprimoramento de valores humanos dentro da escola e também dentro da família. A falta dessas instruções reforça ainda mais as problemáticas que encontramos em sala de aula, talvez seja por isso que esses mesmos indivíduos não compreendem a importância e função dos limites e regras dentro da sociedade. Não podemos descartar muitos outros fatores que rodeiam essa temática, tudo pode contribuir para a aula desandar e aparecer conflitos dos mais diversos lugares.

Contudo, nem sempre é harmonioso a relação da família com a escola, havendo a falta de apoio na maioria dos casos, e a família nesses momentos conturbados dão razão a criança e o professor fica de mãos atadas, sem ter como resolver a situação.

Assim, podemos perceber o quanto é complexo o trabalho do professor, com tantas variáveis de personalidades dos alunos e situações sociais de cada criança, as burocracias do ensino, etc. Os professores se articulam com o que têm à sua disposição e mesmo quando não é suficiente, buscam outras formas e meios para conseguirem criar um ambiente de aprendizado cooperativo e confiável.

Desta forma, é necessário que o docente busque formação continuada afim de adquirir novos conhecimentos, bem como se apropriar de novas metodologias de ensino capazes de ampliar o aprendizado dos educandos, com foco em um método ativo, no qual o aluno seja o percursor do ensino dentro da sala de aula, deixando a monotonia de lado, e evitando os conflitos que podem ocasionar a indisciplina.

A educação escolar apesar de todas suas adversidades, ainda assim é o meio mais apropriado para a formação das crianças, é o lugar que soma suas chances de sucesso e igualdade social, ampliando suas opções de ingresso à sociedade. É certo que para conseguirmos o êxito precisamos ter uma visão ampla sobre as problemáticas que rodeiam a escola, acreditando que o diálogo seja chave para o sucesso no aprendizado dos nossos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRUCIO, Fernando Luiz. **Formação de professores no Brasil:** diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança. São Paulo: Moderna, 2016.

ARAÚJO, Thaís Marcela Fernandes Modesto de. MENDONÇA, Onaide Schwarts. INDISCIPLINA E/OU DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: O PAPEL DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL I DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE. **Revista UDESC**, Presidente Prudente, v. 11, n 1, p. 28-50, 2015. Disponível em: <www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/download/5348/4613>. Acesso em: 02 de junho de 2018.

CAMPOS, Gilka Martins de Castro. **A formação de professores de música para educação básica na região centro-oeste**. Goiânia: UFG, 2015.

CHADE, Jamil; PALHARES, Isabela. **Brasil tem maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo, diz OMS**. São Paulo, 23 fev. 2017. Disponível em <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms,70001677247>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2018.

FURTADO, Júlio. **A importância da formação continuada dos professores**. In, 22 jul. 2015. Disponível em: <<http://juliofurtado.com.br/2015/07/22/a-importancia-da-formacao-continuada-dos-professores/>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2018.

GEGLIO, Paulo César; NEVES, José Achilles de Lima. **O trabalho do professor sem o apoio do coordenador pedagógico**. UFPB: 2011.

HEIDRICH, Gustavo. **A escola que ensina a todos**. In, 01 ago. 2009. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/739/a-escola-que-ensina-a-todos>>. Acesso em: 17 de maio de 2018.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Paulo Gomes et al. Formação docente: uma reflexão necessária. **Revista de Educação**, São Paulo, v. 2, n 4, p. 91-101, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/1657/1344>>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de. MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe>. Acesso em: 01 de junho de 2018.

MENDONÇA, Sandra Zaminhã. **(In)disciplina escolar:** visão de professores e os modos de lidar. Porto Alegre: UFRS, 2010.

REDAÇÃO. **Número de professores com transtornos mentais dobra no Brasil, diz pesquisa**. In, 21 nov. 2017. Disponível em: <www.minhavida.com.br/bem-estar/10777-n%C3%BAmero-de-professores-com-transtornos-mentais-dobra-no-brasil-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

estar/noticias/32063-numero-de professores-com-transtornos-mentais-dobra-no-brasil-diz-pesquisa>. Acesso em: 03 de maio de 2018.

PAIVA, Thais. **Família e escola, uma parceria**. In, 31 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.cartaeeducacao.com.br/new-rss/familia-e-escola-uma-parceria/>>. Acesso em: 22 de abril de 2018.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Bruno Botelho dos. **Dificuldades de aprendizagem**: o que são e tipos mais comuns. In, 21 de dez. 2017. Disponível em: <<https://www.ativosaude.com/saude-mental/dificuldades-de-aprendizagem-o-que-sao-e-tipos-mais-comuns/>>. Acessado em: 02 de junho de 2018.

SANTOS, Lucélia Gonçalves dos. BRITO, Clovis. **A violência na sociedade e a indisciplina escolar**. Curitiba: EDUCERE, 2011.

SILVA, Marilda da. **Complexidade da formação de professores**: saberes teóricos e saberes práticos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Acesso em: 27 de maio de 2018.

SILVA, N. P. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

RIBEIRO, Paulo Silvino. "O que é moral?"; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/o-que-moral.htm>>. Acesso em: 27 de março de 2018.

TIBA, Içami. **Disciplina**: Limite na medida certa. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

TODERO, Franciele et al. Indisciplina na escola e o cotidiano escolar: buscando soluções conjuntas. **Revista de Educação do IDEAU**, Uruguai, v 4, n 8, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/184_1.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2018.

LIMA, Paulo Gomes et al. Formação docente: uma reflexão necessária. **Revista de Educação**, São Paulo, v. 2, n 4, p. 91-101, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/educereeducare/article/viewFile/1657/1344>>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

VIVALDI, Flávia. **Autoridade e autoritarismo nas relações educativas**. In, 28 nov. 2014. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/982/autoridade-e-autoritarismo-nas-relacoes-educativas>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2018.

VICHESSI, Beatriz. **Professor**: O rabugento da educação. In, 26 abr. 2011. Disponível em: <<http://falandodesaberes.blogspot.com/2011/04/por-tras-desse-problema-visto-pelos.html>>. Acesso em: 30 de março de 2018.